

RESENHA DE THE GRAMMAR NETWORK: HOW LINGUISTIC STRUCTURE IS SHAPED BY LANGUAGE USE, DE HOLGER DIESSEL

Karen Sampaio Braga Alonso (UFRJ)¹

Diego Leite de Oliveira (UFRJ)²

Resenha de

DIESEL, H. The Grammar Network: How language structure is shaped by language use.

Cambridge: University Press, 2019

Há pouco mais de trinta anos, Ronald Langacker (1987) criava a definição de modelo baseado no uso, referente a uma abordagem teórica na qual importância substancial é dada ao uso real do sistema linguístico e ao conhecimento do falante em relação a esse uso. Para ele, a gramática representa, em uma base não reducionista, o conhecimento do falante sobre as convenções de sua língua, empregando redes esquemáticas totalmente articuladas e enfatizando a importância de esquemas de níveis mais baixos. Como podemos ver, a definição proposta pelo pesquisador, além de permanecer atual, pode ser hoje mais bem compreendida do que certamente foi no passado. As contribuições na área da linguística, assim como na da ciência cognitiva em geral, confirmam a atualidade da definição e trazem à luz uma concepção relevante sobre a forma como a língua emerge, se organiza e se transforma no decorrer do tempo, adaptando-se às necessidades comunicativas de seus falantes.

Faltava, porém, um trabalho que buscasse congregar as diversas contribuições multidisciplinares para um modelo de redes em um material sistematizado, coerente, didático e, ao mesmo tempo, permeado de reflexões teóricas importantes para a concepção de língua baseada no uso. Esse trabalho chegou em 2019 e foi publicado pela Cambridge University Press, na forma de um livro intitulado

1 Professora do Departamento de Linguística e Filologia da Faculdade de Letras da UFRJ. Professora dos Programas de Pós-Graduação em Linguística da UFRJ e do Mestrado Profissional em Letras - PROFLETRAS/UFRJ. E-mail: karensampaio@letras.ufrj.br.

2 Professor do Departamento de Letras Orientais e Eslavas da Faculdade de Letras da UFRJ. Professor do Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFRJ. E-mail: diegooliveira@letras.ufrj.br.

The Grammar Network: How linguistic structure is shaped by language use, e que o presente texto busca resenhar.

Antes de nos debruçarmos especificamente sobre o livro, algumas palavras sobre seu autor podem nos ajudar a compreender melhor a relevância do material no cenário da Linguística Baseada no Uso. Holger Diessel é professor de linguística da língua inglesa, na Universidade de Jena, na Alemanha. Em 1998, defendeu sua tese de doutorado, a qual foi publicada com o título *Demonstratives: form, function and grammaticalization*, em 1999. A leitura do material revela o interesse de longa data do autor por questões como tipologia e mudança linguística, diante da análise do modo como formas pronominais com valor demonstrativo se desenvolvem nas mais diversas línguas do mundo.

O interesse do autor também se reflete no campo da aquisição da linguagem. Na primeira década dos anos 2000, Diessel desenvolveu pesquisas especificamente sobre como se dá a aquisição de orações complexas, como as encaixadas de infinitivo, as relativas e as adverbiais (DIESEL; TOMASELLO, 2000, 2001). Mais recentemente, o pesquisador tem se dedicado ao estudo sobre o impacto da frequência na emergência e representação do conhecimento linguístico, através de mecanismos de processamento, sem deixar de lado seu fascínio pelos aspectos da comparação translinguística (DIESEL 2009; DIESEL; HILPERT 2016).

Desde 2014 (DIESEL 2014, 2015), já é possível observar a sua preocupação com uma concepção de arquitetura gramatical coerente com um modelo de redes na perspectiva da Linguística Baseada no Uso, também proposto por linguistas como Langacker (1987, 2008), Bybee (1996, 2010) e Goldberg (1995, 2006, 2019). Observa-se, ainda, seu comprometimento com uma reflexão sobre a língua como um sistema adaptativo complexo (DIESEL, 2014; HOPPER 1987; BECKNER ET AL. 2009; BYBEE 2010).

Os aspectos da formação do autor acima referidos estão presentes em *The Grammar Network: how linguistic structure is shaped by language use*, um livro de 309 páginas, cuja leitura é impressionantemente leve, dada a complexidade dos temas tratados e a riqueza das referências bibliográficas nas áreas em que o autor possui experiência. Trata-se de um texto agradável e uma belíssima introdução ao modelo de gramática como rede, em que todos os aspectos da estrutura linguística, como bem aponta o autor, “são analisados em termos de relações associativas entre lexemas, categorias e construções” (DIESEL, 2019, p. 2).

Emendada nesta afirmação, o autor coloca a questão basilar para a compreensão da contribuição e mesmo dos limites de sua obra: o modelo de gramática que ele apresenta é “inspirado pela pesquisa

computacional com redes neurais” (DIESEL, 2019, p. 2). Entender esse ponto de partida é essencial para uma leitura mais direcionada do desenho de processamento linguístico que vem à baila ao longo de todos os capítulos do livro.

Após uma breve introdução sobre os pilares dos modelos baseados no uso (Capítulo 1), o livro se estrutura em quatro partes, a saber: (i) *Fundamentos*; (ii) *Signos como redes*; (iii) *Relações de preenchimento de slot*; e (iv) *Relações construcionais*, sobre as quais discorreremos mais detalhadamente a seguir. A organização do livro de tal maneira se justifica por razões didáticas: a complexidade das relações na rede construcional vai sendo apresentada de forma gradual ao longo dessas partes.

A primeira parte, *Fundamentos*, comporta dois capítulos, quais sejam: *Gramática como rede* (Capítulo 2) e *Processos cognitivos e uso da língua* (Capítulo 3). É nessa parte que o autor apresenta a definição de rede crucial para o entendimento das ideias constantes do livro: “(i) um conjunto de nós, às vezes referido como vértices, e (ii) conexões, também chamadas de arcos, links, relações ou arestas” (Diessel, 2019, p.10).

O capítulo 2 procura dar conta de um modelo de redes em que “todos os conceitos gramaticais são definidos por tipos particulares de *links*, ou relações, que indicam conexões associativas entre diferentes aspectos do conhecimento linguístico do falante” (DIESEL, 2019, p. 11). Assim, na proposta do autor, “nós em um dado nível são redes em outro nível de análise” (DIESEL, 2019:11). Nesse sentido, se tomarmos, por exemplo, um item verbal recrutado para uma construção de estrutura argumental, podemos considerá-lo como um nó; por outro lado, se tomarmos esse mesmo item isoladamente, ele poderá ser interpretado como uma rede de relações associativas (simbólicas, taxonômicas, sequenciais, etc). Como o modelo de gramática apresentado no livro é inspirado em modelos de redes neurais ou conexionistas, os *links* entre os nós possuem “pesos” ou valores de ativação, moldados pelo processamento. Dessa forma, quanto mais frequentemente um dado *link* ou padrão de *links* é processado, mais forte é o seu peso e maior é a probabilidade de ele ser utilizado no futuro (DIESEL, 2019, p.10).

A gramática do autor é comprometida com a perspectiva da Gramática de Construções tal como prevista em Langacker (1987), Goldberg (2006) e Croft (2001), ou seja, é concebida como um inventário de pareamentos de forma e sentido emergentes a partir do uso da língua. Tais pareamentos são caracterizados por Diessel como signos que constituem a base do conhecimento linguístico estruturado em níveis de representação cognitiva cada vez mais abstratos, de modo que todo signo é

conectado a outros signos, criando uma rede simbólica (DIESEL, 2019, p. 17). Essa categoria mais geral de *signo* seria subdividida em duas subcategorias: lexemas e construções.

Nesse contexto, lexemas são pareamentos de forma e sentido que constituem unidades significativas individuais, processadas a partir de links associativos ativadas por uma dada forma (por exemplo, palavras monomorfêmicas como *lua*, *sal*, etc.). Por sua vez, construções são pareamentos de forma e sentido que acomodam mais de um elemento significativo (por exemplo, construções morfológicas definidas por Diessel como palavras multimorfêmicas do tipo de *carcereiro* - formada por base + sufixo - e construções sintáticas do tipo de *livro de Pedro*, que apresentam um ou mais slots para lexemas livres). No caso das construções, o processamento se dá a partir da interação entre as diferentes unidades significativas que as compõem, as quais, por si só, são entendidas como rede. O processamento de construções, portanto, tem uma complexidade diferente do processamento de lexemas, porque envolve necessariamente uma relação entre, pelo menos, duas redes associativas e a posterior integração de um sentido complexo, o que, em si, resulta na emergência de uma nova rede. Se tomarmos o exemplo de *carcereiro* supramencionado, temos aqui uma relação associativa entre a base e o significado da base, o sufixo e o significado do sufixo, e ainda uma terceira relação do item lexical *carcereiro* como um todo e seu significado, que o diferencia em relação a *prisioneiro*, por exemplo, pois apesar de ambas as formações serem criadas com o sufixo *-eiro* a partir de bases semanticamente sinônimas (*cárcere* e *prisão*), como bem aponta Salomão (2002, p 66), suas significações apontam para uma antonímia funcional.

O terceiro capítulo aborda os processos cognitivos e o uso da língua e retoma a atividade linguística como cooperativa e conduzida pelas interações comunicativas entre os interlocutores. Nesse capítulo, Diessel propõe uma divisão interessante entre processos cognitivos de domínio geral comumente tratados na literatura. Essa divisão abarca processos relacionados à cognição social (atenção conjunta, base-comum, etc.), processos relacionados à conceptualização (metáfora, metonímia, segregação figura-fundo, etc.) e aqueles relacionados à memória (categorização, analogia, automatização, etc.). O capítulo trata, ainda, da forma como esses processos interagem na emergência da arquitetura gramatical enquanto representação cognitiva, dando destaque à competição entre processos de cognição social, com uma orientação forte para o interlocutor, e processos relacionados à memória, mais diretamente ligados ao processamento individual da informação. Por fim, é proposta uma discussão sobre a relação entre aquisição e mudança linguística, em que o autor argumenta que inovações diacrônicas não advêm de erros na língua da criança, mas sim emergem em decorrência de pequenas mudanças no uso que os adultos fazem da língua. Nesse sentido, a importância da aquisição na mudança diacrônica residiria na transmissão dos padrões estruturais de uma geração para outra.

A *Parte II* do livro, intitulada *Signos como redes*, é composta pelos capítulos *A rede taxonômica* (Capítulo 4), *Relações sequenciais* (Capítulo 5) e *Relações simbólicas* (Capítulo 6) e está pautada na concepção do autor já referida acima, qual seja, a de que nós em determinados níveis de análise constituem, em si, uma rede de relações associativas em outros níveis.

No plano taxonômico, que foi exposto no capítulo 4, essas relações associativas se dão de modo a formar representações esquemáticas, ou seja, generalizações sobre sequências linguísticas específicas que guardam similaridades semânticas, fonológicas e distribucionais entre si. Tais representações esquemáticas, caracterizadas pelo autor como esquemas construcionais, geralmente estão ancoradas em palavras ou morfemas específicos (lexemas), de modo que a abstração de um esquema não apaga da memória do usuário a experiência com unidades lexicais concretas que contribuíram para sua abstração. Assim, a representação do conhecimento linguístico é redundante e não redutiva; isto é, esquemas e unidades linguísticas específicas estão associados uns aos outros em uma rede em que informação linguística de um mesmo tipo é representada em níveis variados de abstração.

Podemos ilustrar esse caso, por meio da construção binominal quantificadora [SN de [SN]]. O falante se depara com diversas instâncias concretas da construção, como, por exemplo, *um monte de pessoas* e *um monte de coisas*, diante das quais é possível fazer uma generalização do tipo [um monte de [SN]]. Se comparada a outras generalizações do tipo [uma chuva de [SN]] ou uma [enxurrada de [SN]], a partir do contato com as respectivas instâncias específicas, é possível proceder a uma generalização ainda mais abstrata do tipo [SN de [SN]]. O fato de o falante ter chegado a esse grau mais abstrato de generalização não exclui ou apaga de sua memória aquelas generalizações de nível mais específico, as quais se ligam mais diretamente ao uso da língua.

O quinto capítulo procura demonstrar como relações associativas do tipo sequenciais são determinantes para o reconhecimento de unidades (lexemas ou construções) de uma dada língua. Assim, Diessel descreve como sequências de unidades que ocorrem frequentemente juntas tendem a ser automatizadas e, portanto, são previsíveis no discurso. No caso de lexemas, as relações sequenciais se estabelecem em sequências fonológicas (não significativas) que, por ocorrerem frequentemente juntas, passam a ser automatizadas, previsíveis, resultando na formação de um *chunk*. No caso de construções, como já dito anteriormente, o mesmo processo se dá, mas agora em sequências de lexemas (ou seja, com uma sequência de unidades que já são, em si, *chunks*) gerando outros *chunks* com níveis maiores de complexidade.

O sexto capítulo se debruça sobre as relações simbólicas resultantes de processos cognitivos de

domínio geral do campo da conceptualização e da cognição social, tanto para lexemas, quanto para construções. No que diz respeito a lexemas, a relação simbólica emergente advém da interpretação semântica que os usuários fazem a partir de uma rede de conhecimento enciclopédico nos moldes de *frames e domínios* (DIESEL, 2019, p. 96-99). Já as construções (por serem extraídas de cadeias de lexemas) representam generalizações a partir de interpretações semânticas e não evocam de imediato o conhecimento de mundo, como fazem os lexemas, mas servem como instruções para o processamento de cadeias de informação lexical em uma representação semântica coerente.

Depois de apresentar o modelo de rede (Parte I) e investir nas relações associativas mais básicas concernentes ao processamento de lexemas e construções (Parte II), o autor passa a investir em relações de níveis mais complexos em termos da organização cognitiva da rede, a saber: relações entre lexemas e construções (Parte III) e relações entre construções e famílias de construções (Parte IV). Passaremos, então, a tratar das duas últimas partes da obra, que trazem contribuições mais aplicadas ao tratamento da sintaxe no modelo de rede.

A terceira parte do livro, chamada de *Relações de Preenchimento de Slot*, inicia-se com o sétimo capítulo, intitulado *Estrutura argumental e produtividade linguística*. O capítulo começa com uma breve apresentação das abordagens lexicalista - em que a estrutura argumental é determinada pelas propriedades lexicais do verbo - e construcionista - em que a estrutura argumental é determinada pelas construções (DIESEL, 2019, p.116). A partir daí, o autor passa a tratar da abordagem em rede, reforçando a contribuição da relação entre léxico e construção para o processamento da estrutura argumental. No caso, além das propriedades da própria construção, itens específicos que são fortemente atraídos para ela assumem papel crucial sobre como os falantes de uma dada língua ativam processos analógicos para a interpretação de um padrão de estrutura argumental. Itens mais atraídos por uma construção impactam na sua força coercitiva, influenciando o recrutamento de novos itens, bem como elucidando propriedades idiossincráticas que restringem combinações entre lexemas e construções no uso da língua.

O capítulo 8, *Um modelo de rede dinâmico das partes do discurso*, apresenta uma abordagem *radical* para o tratamento das classes de palavras (com foco nos nomes, verbos e adjetivos) como estruturas dinâmicas moldadas pelo uso da língua. Nessa perspectiva, categorias sintáticas não seriam tratadas como primitivos linguísticos, mas sim como emergentes de padrões construcionais, se apresentando como uma alternativa às abordagens semântica (baseada em traços semânticos) e estrutural ou distribucional (baseada em propriedades estruturais ou distribucionais com implicações de ordem semântica).

Para entendermos, de forma geral, como categorias sintáticas como *nomes* e *verbos*, por exemplo, emergem do uso da língua, o autor demonstra que falantes abstraem certas propriedades de usos concretos com base na analogia, quais sejam: i) propriedades em termos de construal (falantes concebem geralmente *nomes* como se referindo a COISAS e *verbos* se referindo a PROCESSOS); ii) propriedades de natureza morfológica, sintagmática e sintática (falantes reconhecem a recorrência de determinados morfemas, etc.); iii) propriedades semânticas extraídas de lexemas (falantes associam *nomes* a objetos e seres animados, enquanto *verbos* a ações e eventos). Esse mesmo raciocínio se aplica a adjetivos, conforme é mostrado ao longo do texto. Vale ressaltar, em consonância com a própria formação do autor, a importância dada, de um lado, ao processo de gramaticalização, que dá conta do desenvolvimento de funções gramaticais a partir de formas lexicais; e, de outro, às evidências translinguísticas, que demonstram que mesmo línguas de famílias distintas parecem apresentar semelhanças em termos da percepção de propriedades emergentes em esquemas de classes de palavras.

O último capítulo da terceira parte do livro denomina-se *Estrutura sintagmática*. Para Diessel, sintagmas promovem uma relação de nós e links em que “os nós representam unidades sintáticas particulares e os links especificam como essas unidades estão relacionadas na sentença” (DIESEL, 2019, p. 172) e são tomados como um *chunk*. Para ele, sintagmas são motivados semanticamente e podem ser basicamente divididos entre sintagmas compostos e sintagmas gramaticais. No caso de sintagmas compostos, relações como a de *núcleo* e *categoria dependente*, por exemplo, podem ser entendidas da seguinte forma: uma unidade que elabora uma entidade do *frame* (funcionando como núcleo) e uma outra unidade que elabora um participante de um frame (funcionando como uma categoria dependente). Essa relação poderia ser ilustrada, por exemplo, por *livro*_{Núcl.} + *de Pedro*_{Cat. dep.}. Analogamente, nos sintagmas gramaticais, observamos que palavras de função gramatical elaboram o sentido de palavras de conteúdo a elas relacionadas (DIESEL, 2019, p. 178), como, por exemplo, na relação *de* + *Pedro*. Ainda, Diessel dá um tratamento em rede para a questão da ordenação vocabular, mostrando a importância da *analogia* (padrões sintagmáticos que emergem da associação com outros padrões de esquemas construcionais, resultando em tendências gerais de ordenação) e da *gramaticalização* (quando diretamente vinculada a padrões de ordenação) para a fixação de esquemas sintagmáticos.

Por fim, chegamos à quarta e última parte do livro, intitulada *Relações Construcionais*, que comporta os capítulos 10 - *Famílias de construções* - e 11 - *Codificando assimetrias de categorias construcionais*. Essa parte, diferentemente das demais apresentadas anteriormente, demonstra que, para além das relações taxonômicas comumente investigadas na literatura construcionista, há relações

entre construções de mesmo nível de abstração, seja em termos de similaridade, como, por exemplo, as relações entre construções que expressam futuro (*vou fazer vs farei*), seja em termos de oposição, como por exemplo, em construções de número (*casa vs casas*).

O décimo capítulo do livro é crucial para uma visão mais abrangente da arquitetura da rede construcional, no que tange a construções que mantêm entre si certo grau de similaridade. Seu argumento central é que a rede de construções pode ser pensada de forma semelhante ao modo como o léxico mental é organizado, ou seja, como uma rede de relações associativas de significado e/ou forma entre construções que se encontram em um mesmo nível esquemático, proporcionando a emergência de famílias de construções.

Com vistas a mostrar que o modo de organização horizontal das construções é semelhante ao modo de organização dos lexemas, Diessel discute um conjunto amplo de tarefas experimentais utilizadas na psicologia cognitiva, com foco especial no efeito *priming*. Nesse sentido, busca mostrar como a escolha do falante em relação a um tipo específico de construção é influenciada pelo uso prévio da mesma construção ou de construção similar, seja do ponto de vista da forma, seja do ponto de vista do significado. Com isso, o autor defende que as construções são armazenadas e processadas em uma rede associativa, de modo que o acesso às construções envolve a competição entre construções similares, influenciada pelo nível de ativação das construções em certo ponto na linha do tempo (DIESEL 2019, p. 204). Essa organização associativa complexa também é evidenciada por investigações no campo do processamento, da aquisição e da mudança linguística, que o autor apresenta de forma detalhada a partir da segunda metade do capítulo.

O capítulo 11, por fim, dedica-se às relações horizontais entre construções que guardam entre si algum tipo de oposição do ponto de vista semântico e que, portanto, tendem a exibir certo grau de assimetria, organizando-se na forma de paradigmas, como voz, número, tempo, entre outros. O rol de oposições a que se refere Diessel inclui construções como as de polaridade afirmativa e negativa, construções ativa e passiva, construções de singular e plural, entre outras. Tendo analisado dados de várias línguas, com base na noção de marcação estrutural bastante explorada em tipologia, correlacionada a aspectos gerais da gramática baseada no uso, tais como frequência, economia e cognição social, Diessel sugere que construções em oposição geralmente tendem a codificar membros da categoria que não são tão frequentes por meio de elementos formais adicionais. É o que ocorre em diversos tipos de relações assimétricas, como em construções de voz (ativa/passiva), em que a construção passiva, que é menos frequente que a ativa, tende a exibir conjunto maior de elementos formais do que a construção de voz ativa, ou em construções de número em que plural e dual tendem

a apresentar mais elementos morfológicos do que o singular.

Os capítulos resenhados acima dão conta de apresentar uma concepção de rede para a representação cognitiva da gramática como um sistema dinâmico. Diessel nos brinda com uma bela explicação do modelo teórico, fundamentada em evidências de áreas nas quais possui experiência. Além de didático, cumpre com louvor o que promete: aplicar esse modelo de rede gramatical dinâmico em uma descrição focada no nível sintático, o que certamente consiste na principal contribuição da obra. *The Grammar Network: How linguistic structure is shaped by language use* é um livro que tem tudo para se tornar um clássico da literatura linguística de base cognitivo-funcional. Recomendamos fortemente a leitura.

Referências

BECKNER, C., BLYTHE, R., BYBEE, J., CHRISTIANSEN, M., CROFT, W. ELLIS, N. HOLLAND, J. KE, J., LARSEN-FREEMAN, D. and SCHOENEMANN, T. Language is a complex adaptive system. *Language Learning* 59, 2009, Supplement: 1-26.

BYBEE, Joan. Modelo de redes en morfología. *Actas del XI congreso internacional de la Asociación Lingüística y Filología de América Latina*. Universidad de Las Palmas de Gran Canaria. 1996. p.59-74.

_____ *Language, Usage and Cognition*. Cambridge: University Press, 2010.

CROFT, W. *Radical Construction Grammar*. Oxford: University Press, 2001.

DIESSEL, H. *Demonstratives: form, function and grammaticalization*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 1999.

_____ *Usage-based linguistics*. In Mark Aronoff (ed.), *Oxford Bibliographies in "Linguistics"*. New York: Oxford University Press, 2014.

_____ *On the role of frequency and similarity in the acquisition of subject and non-subject relative clauses*. In Talmy Givon and Masayoshi Shibatani (eds.), *Syntactic Complexity*. Amsterdam: John Benjamins, 2009, p. 251-276. Disponível em: <http://www.personal.uni-jena.de/~x4diho/Frequency%20and%20similarity.pdf>. Acesso em: 01-07-2020.

_____ *Usage-based construction grammar*. In Ewa Dabrowska and Dagmar Divjak (eds.), *Handbook of Cognitive Linguistics*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2015, p. 295-321. Disponível em: <http://www.personal.uni-jena.de/~x4diho/Usage-based%20Construction%20Grammar.pdf>. Acesso em: 01-07-2020.

_____ The Grammar Network: How language structure is shaped by language use. Cambridge: University Press, 2019.

DIESSEL, H.; HILPERT, Frequency effects in grammar. In Mark Aronoff (ed.), *Oxford Research Encyclopedia of Linguistics*. New York: Oxford University Press, 2016, p. 1-30. Disponível em: <http://www.personal.unijena.de/~x4diho/Frequency%20effects%20in%20grammar.pdf>. Acesso em: 01-07-2020.

DIESSEL, H. TOMASELLO, M. The development of relative clauses in spontaneous child speech. *Cognitive Linguistics* 11, 2000, p. 131-151. Disponível em: <http://www.personal.unijena.de/~x4diho/The%20development%20of%20relative%20clauses%20in%20spontaneous%20child%20speech.pdf>. Acesso em: 01-07-2020.

DIESSEL, H. TOMASELLO, M. The acquisition of finite complement clauses in English: A corpus-based analysis. *Cognitive Linguistics* 12, 2001, p. 1-45. Disponível em: <http://www.personal.unijena.de/~x4diho/The%20acquisition%20of%20finite%20complement%20clauses%20a%20corpus-based%20analysis.pdf>. Acesso em: 01-07-2020.

GOLDBERG, A. E. *Constructions: A Construction Grammar Approach to Argument Structure*. Chicago: Chicago University Press, 1995.

_____ *Constructions at work – The Nature of Generalization in Language*. Oxford: Oxford University Press, 2006.

_____ *Explain me this. Creativity, Competition and the Partial Productivity of Constructions*. Princeton: University Press, 2019.

HOPPER, P. J. Emergent Grammar. Berkeley Linguistics Society Proceedings of the Thirteenth Annual Meeting of the Berkeley Linguistics Society 1987), pp. 139-157

LANGACKER, R. *Foundations of Cognitive Grammar, Vol 1: Theoretical Prerequisites*. Stanford: Stanford University Press, 1987.

_____ *Cognitive Grammar: a Basic Introduction*. Oxford: Oxford University Press, 2008.

SALOMÃO, M. M. M. Gramática de Construções: a questão da integração entre sintaxe e léxico. *Veredas* V. 6, N. 1. p. 63-74, 2002.